

25/10/2017 09:52 - Maioria que conclui ensino superior ganha salário abaixo de R\$ 3 mil



Em todo o país, entre os profissionais que concluíram o ensino superior nos últimos dois anos, a maior parte recebe salário inferior a R\$ 3 mil, segundo levantamento divulgado na última quarta-feira (18), em São Paulo, pelo Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (Semesp). A pesquisa aponta ainda a desvalorização da licenciatura - enquanto 50% dos profissionais dos cursos de bacharelado recebem abaixo de R\$ 3 mil, na licenciatura o percentual sobe para 88%.

Dos oriundos da rede pública, 21,8% ganham menos de R\$ 1 mil, 54,4% têm salário entre R\$ 1 mil e R\$ 3 mil, 16,8% recebem entre R\$ 3 mil e R\$ 5 mil e 6,1% têm renda acima de 5 mil. Entre os egressos da rede pública, 23,1% ganham menos de R\$ 1 mil, 48,1%

estão com faixa salarial de R\$ 1 mil a R\$ 3 mil, 22,1% recebem de R\$ 3 mil a R\$ 5 mil e 6,8% têm salário acima de R\$ 5 mil.

Para Rodrigo Capelato, diretor do Semesp, a diferença salarial entre aqueles que estudaram em rede pública e particular não é substancial entre recém-formados. Segundo ele, o grande desafio dos cursos de graduação é elevar a renda de quem já trabalha e estuda para melhorar de vida. “As pessoas estão se formando e os salários não estão subindo tanto assim”, explicou.

A maioria dos alunos ainda se matricula em carreiras clássicas do bacharelado, 40% optam por direito, administração, engenharias e ciências sociais. Na comparação entre os salários, os engenheiros têm os de melhor renda: 32,1% ganham entre R\$ 3 mil e R\$ 5 mil, sendo que 10% recebem de R\$ 10 mil a R\$ 15 mil. Entre os formados em administração, 15,99% encontram-se na faixa salarial entre R\$ 3 mil e R\$ 5 mil.

Empregabilidade

Segundo o levantamento, 47,09% trabalham na área de formação, 34,3% dos egressos não trabalham e 18,7% atuam em uma área diferente da sua formação. A pesquisa também indicou que 38% entre aqueles que responderam que não trabalham dedicam-se à pós-graduação. Já 12% estão fazendo outro curso de graduação e 48,3% não têm ocupação.

Egressos de entidades privadas e públicas concordam que as instituições de ensino precisam fazer mais parcerias com empresas, investir em aulas práticas e fomentar estágios. O levantamento ouviu 1.445 participantes de 135 cursos diferentes de todo o país, sendo 1.089 formados e 356 pessoas que abandonaram o curso ou ainda estudam. A margem de erro é de três pontos percentuais para mais ou para menos.

Fonte: Fernanda Cruz - São Paulo